



ENTREVISTA

A REPRESENTAÇÃO DA CIDADE DE FLORIANÓPOLIS NA VISÃO DOS ARTISTAS, O MUSEU DA ESCOLA DE FLORIANÓPOLIS E AS AÇÕES EDUCATIVAS

DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/198431781022014158>

SANDRA MAKOWIECKY¹

Reportagem: Milka Plaza

1- Como surgiu a ideia de realizar o estudo sobre a representação da cidade de Florianópolis na visão dos artistas plásticos?

Toda tese de doutorado parte de uma hipótese que se quer provar através dos tempos, constatar ou chegar próximo de um resultado no qual se acreditava. Eu sempre estudei a história da arte a partir do mundo ocidental e todos os seus movimentos, mas constatei que havia pouca produção sobre Santa Catarina e me interessava fazer um trabalho abrangente que pudesse servir de lastro, não apenas em termos cronológicos, mas também estabelecendo uma sequência no tempo, que pudesse alargar essa ideia de que Florianópolis é apenas e sobretudo uma ilha de mito e magia. Nós temos várias formas de se perceber a cidade e grande parte do trabalho pretendia mostrar isto como uma das hipóteses. Ou seja, as outras facetas possíveis, como olhar para a cidade por meio dos artistas e também mostrar que através das obras de arte podemos também compreender o próprio fenômeno urbano, o desenvolvimento das cidades, as transformações que elas passam, os artistas que se engajam na defesa do patrimônio e preservação da memória. Então, no fundo, me interessava mostrar uma história da ilha de Santa Catarina, pela visão de um leitor outro que dá a estas informações, sua visão pessoal e também as seleciona reordenando dados dispersos.

2 - As questões plásticas delineadas entre meados do século XIX e primeira metade do XX permitem estabelecer conexões com a produção artística contemporânea a partir da segunda

¹Professora do PPGAV- UDESC- da linha de Teoria e História da arte. Coordenadora do MESC-UDESC Museu da Escola Catarinense. Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina.



metade do século XX?

Na minha visão, toda a história, história da arte e todos os movimentos, se conectam. A ideia de arte contemporânea, para mim, tem muito a ver com aquilo que, em um determinado momento atual, desperta meu interesse e pode ser uma obra de arte do século XV. O contemporâneo vem na medida do meu interesse. Então, quando é jogada luz sobre qualquer fato do passado ou uma imagem do passado, ela se faz presente novamente, ela se atualiza e se torna contemporânea. Dessa forma, a conexão por si se estabelece. Mas, para, além disso, o que faz com que haja um elo do que acontecia nas transformações do final do século XIX, passagem do século XX e mesmo na produção contemporânea, é que mesmo que a forma de representar e mostrar a cidade seja diferente, porque hoje nós temos outros meios técnicos, os artistas não se valem às vezes do acrílico, óleo sobre tela ou desenho, mas usam também novas mídias, computadores, mistura com fotografia, colagens, coisas que aliás, os artistas do século XV já faziam, a exceção da fotografia. A conexão se dá muito mais no pensamento porque o que se modifica é a técnica. Mas, o que se pensa acaba sendo a mesma coisa. Acaba sendo o interesse pelo meio ambiente, a forma de mostrar a beleza do lugar, a forma de condensar a ideia e um pensamento, seja mostrando a urbanização do início do século XX como Eduardo Dias ou o próprio Martinho de Haro ou a urbanização hoje, nos anos 90, 2000 com Fabiana Wielewicki, Paulo Gaiad e outros artistas em que esse urbano acaba também se manifestando da mesma forma. Então, o homem pensa sempre igual e o que muda é a forma de mostrar isso.

3 – Você conseguiu reconhecer na diversidade de personagens, cenários e enredos, uma história das sensibilidades e percepções visuais, cujos sentidos tanto foram partilhados como proporcionaram significações singulares?

Sim. A história das sensibilidades e percepções acaba sendo a forma como o artista escolhe para mostrar o pensamento dele. Por exemplo, Hassis era um contador de histórias e ele pintava essas histórias; Rodrigo de Haro retratava sempre Florianópolis com a ideia de uma ilha, mulher, misteriosa, sensível, delicada, da lua, da noite; Pléticos entendia a cidade como forma, cubos



retângulos e ele metamorfoseia essas formas e dá a estas formas, uma aparência de cidade; Vera Sabino nos apresenta a exuberância da natureza; Aldo Nunes enfatiza a memória, o patrimônio que se esvai; Martinho de Haro nos mostra a beleza lírica da cidade, o silêncio; Eduardo Dias, em contraponto, enfatiza a modernização de nosso início do século; Meyer Filho nos alegra com os quintais açorianos, aquelas luzes e cores fantásticas; José Silveira D'Ávila mostrava muito a religiosidade aqui presente, que não é só do Boitató, que não é só das bruxas, mas aquele católico açoriano, denso, do mundo de luz e trevas, entre outros. Então essas parcelas da cidade foram aparecendo ao tentar construir e perceber essa sensibilidade mesmo, como o artista percebeu a cidade. Existe sempre uma única cidade, no meu trabalho, é essa, que está lá no fundo - a cidade de Florianópolis, mas cada artista na sua singularidade a expressa de uma maneira.

R. Ouvindo você expressar o sentimento dos artistas plásticos na obra de arte é como se eles estivessem falando de poesia. Poesias através de suas pinturas e pinceladas?

SM. Acaba sendo sempre poesia. Mas a poesia trata da manifestação da beleza ou do sentimento estético através da palavra, podendo ser sob a forma de versos ou de prosas. Em todo o caso, o seu emprego mais usual está relacionado com os poemas e com as composições em verso. Entre as principais características da poesia, pode-se mencionar o uso de elementos de valor simbólico e de imagens literárias como a metáfora, que requerem uma atitude ativa por parte de quem lê os poemas para poder decodificar a respectiva mensagem. Ao fazer esta comparação, podemos dizer que cada um manifesta de um jeito porque a poesia é por vezes dizer mais com menos. Seja com as palavras ou em uma pincelada, uma imagem que se consubstancia naquele momento, ou que vem a ser uma síntese do pensamento de um artista, que será decodificada por que a lê ou olha para a obra.

4- No seu trabalho está dito que as cidades são a memória da cultura e que são os símbolos históricos da cultura que levam o seu nome. O caráter histórico das cidades, traçado no curso da luta cotidiana pela sobrevivência transportam à nossa consciência? Ela está arraigada no histórico da nossa própria identidade cultural?

Acredito que sim. Eu estudo muito as cidades, seja Florença, Veneza, Roma, Londres, Paris, entre muitas outras, notadamente no mundo ocidental. Não estudei ainda nenhuma cidade do oriente. Mas ao estudar as cidades do mundo ocidental e mesmo nas viagens que eu faço, costumo sempre tentar



captar essa memória cultural. Isso que acaba distinguindo uma cidade da outra. Lisboa é uma cidade lírica, charmosa, cosmopolita, com um quê de província ainda; Paris irradia beleza em cada lugar; Florença é a síntese da humanidade, é uma cidade como obra de arte. Cada cidade a meu ver pode ser estudada como uma obra de arte e como obra de arte tem que ser vista na sua totalidade. E a sua totalidade não implica em apenas obras de arte. Mas como as pessoas vivenciam aquele espaço, como elas falam daquela cidade, como elas andam naquela cidade e como elas cuidam do patrimônio. Então, a cidade vista como obra de arte deve ser vista na totalidade. Georg Simmel escreve sobre isso. Ele tem uns textos belíssimos sobre Roma, Florença e Veneza em que fala de Veneza como um palco, uma cidade teatral; e é mesmo, porque as pessoas estão em trânsito na maioria das vezes; Roma seria uma certa memória, o início do mundo ocidental, o estabelecimento das leis; Florença é uma síntese das artes. Então, isso só pode ser percebido na sua totalidade. Não dá para estudar uma cidade apenas pela obra de arte. Uma imagem que determinado artista coloca expressa a visão dele, aquilo que ele mais ressalta. Então Florianópolis não é só lua, não é só formas, não é só natureza exuberante, não é só memória e passado, não é só quintais açorianos. É, mas um conjunto de tudo isso. Com as múltiplas visões, vamos criando associações e percebendo mais uma possibilidade de totalidade, nunca alcançada, todavia.

5 - O direito à memória precisa ser resgatado por aqueles que têm como tarefa gerir as intervenções no espaço urbano?

Sim. Eu sempre tive o sonho de que Florianópolis tivesse um Prefeito como Carlo Giulio Argan. Ele foi um historiador da arte, escreveu sobre arte, é um teórico sobre a epistemologia da história da arte e ele entendia também a cidade como obra de arte, entendendo a cidade através de um valor enorme para a memória. Então, neste caso, nós temos um exemplo concreto de como a cidade de Roma, com um Prefeito que foi um historiador da arte poderia perceber a cidade como obra de arte como eu penso. A memória da cidade é uma herança, é um legado que todos nós temos direito, nós devemos conhecer e devemos preservar. Porque quem não conhece não cuida. Isso é muito simples. Quem não gosta, não ama, não cuida. Para gostar, preservar, cuidar, a gente tem que conhecer a história, as reminiscências desse passado, conhecer o que já existe e porque determinadas coisas devem ser preservadas. A defesa pela manutenção da história, do patrimônio da cidade é uma defesa



que deveria ser abraçada e acolhida por todos nós.

6 – Na sua pesquisa da tese, você pode mapear e agrupar os principais artistas e sua produção no âmbito das academias de arte e dos movimentos identificados com o modernismo em Santa Catarina. Quais artistas você considera mais expressivos? Mais marcantes?

É uma pergunta difícil. Não há como escolher um ou outro ou escolher ao fazer uma seleção dentro desse universo. Justamente, porque como eu coloquei anteriormente, cada um apresenta uma faceta da cidade, da forma como eu a analisei, como eu me aproximei dessas obras e eles acabam sendo sempre resplandecentes. Particularmente, alguns dos artistas, seja pela técnica, pela temática, acabam nos atingindo mais, não que eles sejam mais expressivos. Eu teria dificuldade em citar nomes, mas eu sou encantada por Victor Meireles, eu e o Brasil inteiro, sendo bem justa, porque ele foi uma personalidade da história do Brasil que nasceu aqui em Florianópolis. A professora Terezinha Franz, que já foi professora da UDESC, lançou um livro sobre ele, com mais dados atualizados que a gente não conhecia. Com 15 anos de idade, ele foi talvez, até onde eu estudei, o primeiro artista no Brasil, que retratou a cidade da forma que a gente percebe, com vistas da cidade. Digamos que ele foi vanguarda no seu tempo. O primeiro artista de renome no Brasil a retratar parcelas da cidade. Martinho de Haro tem que ser citado, pois um grande nome do Modernismo no Brasil, talvez, o maior nome em Santa Catarina no século XX. Tal reconhecimento poderia se dar também em nível nacional, mas Martinho escolheu a ilha e ele mesmo disse que “ao escolher a ilha ele estava fazendo uma opção” pelo não reconhecimento nacional como tiveram outros nomes em termos de Brasil, como Portinari, Di Cavalcanti, por exemplo, que tiveram uma divulgação maior de seus nomes por estarem justamente num eixo que facilita isso. São os centros culturais do Brasil, como Rio, São Paulo, os focos do Modernismo. Ele estava lá, mas optou por voltar à Florianópolis. Quem faz essa opção, conseqüentemente sente também as conseqüências do ato. No caso, Martinho poderia ser e ele é para mim, um dos maiores nomes da arte do Brasil. Mas ele não entrou nessa clave de nomes mais conhecidos no circuito brasileiro porque estava em Florianópolis, fora do circuito. Esta questão é vivenciada por vários de nossos artistas ainda hoje e sempre a foi ao longo dos tempos.

7 – Você está de acordo que a luta pela preservação do patrimônio deve ser combinada com mobilização e que a memória urbana deve ser uma conquista? Qual a importância dos jovens nesta luta?

Os jovens são importantes porque se não houver essa iniciação na escola, no ensino de base, eles chegam à universidade sem a noção da preservação desse patrimônio. Então, eu não digo que deva ser apenas responsabilidade dos jovens. Isso deveria ser algo que vem de casa, das escolas, desde crianças e os jovens conseqüentemente tomariam isso para si. Existe sim uma enorme diferença na educação do Brasil, por exemplo, com relação à Europa que é um dos continentes que faz indiscutivelmente a preservação de seu patrimônio. Porque lá, desde o jardim eles frequentam museus, cidades históricas tombadas pelo patrimônio. Então aquilo vai fazendo parte de uma cultura. No Brasil nós não temos isso. Então, por vezes, alguns jovens com mais tendências e gostos por esse tema acabam escolhendo a área das ciências humanas, acabam mais impregnados desse tipo de desejo. O que também não é uma unanimidade. Claro que alunos de outros cursos como ciências sociais aplicadas, das ciências exatas, saúde e outros, também manifestam esse desejo, pois isso é inerente à condição humana. As viagens cada vez mais frequentes e realizadas também possibilitam essa abertura a outras culturas e visão de necessidade de preservação. Às vezes através de uma formação familiar, compreendem a valorização disso. Mas ainda é muito incipiente no Brasil. Podemos dizer que a questão da memória, a importância da preservação é ainda pouco divulgada, assimilada e respeitada. Acrescento a esse cenário negativo o fato de que até em muitos de nossos cursos de arte, prevalece a ditadura do contemporâneo, quando muitos acham que só interessa estudar o que se faz agora, como se o mundo tivesse acabado de nascer. Isso é de uma pobreza intelectual que nem sei descrever em poucas linhas. Renderia outra entrevista.

R. Nas escolas, nas disciplinas de artes, alguns professores estão visitando museus com seus grupos de alunos. Os professores têm comparecido com alunos no Museu da Escola Catarinense?

S. Recebemos visitas de escolas, mas são movimentos, atitudes isoladas. De modo geral, o professor que faz isso tem que arcar com o projeto, conseguir ônibus, pedir autorização dos pais, fazer o deslocamento, enfim, é algo assim. Para que aconteça depende muito de uma vontade muito



grande, muito localizada de um determinado professor. Não faz parte de um projeto político pedagógico da escola, dos grandes planejamentos das diretrizes curriculares. Então não tem recursos, é tudo muito sofrido. Mas acontece e quando acontece é excelente. Mas é difícil que isso se transforme numa rotina. São projetos isolados.

8 - Florianópolis possui uma política bem elaborada em termos de preservação municipal? Existe falta de divulgação do acervo?

Sim. Florianópolis tem uma Lei bastante adiantada, já desde os anos de 1980 no seu Plano Diretor, tem Lei de Tombamento. Existem áreas tombadas como Patrimônio Histórico, existem construções isoladas classificadas como P1, P2, P3. O prédio do Museu da Escola Catarinense, por exemplo, é P1. Ele é tombado por dentro e por fora. Ou seja, não se pode fazer alterações sem autorização e projeto aprovado pelos órgãos de preservação, no nosso caso, estadual e municipal. Mas, tem várias construções que são P2, em que se pode alterar por dentro, mas não pode alterar a fachada. O imóvel P3 é um imóvel em que o entorno dele é tombado. Ou seja, aquele imóvel que ao ser alterado ou demolido, deve ser observado o entorno dele. Tem uma política bem elaborada e comparando com outras cidades do Brasil é até bastante evoluída, mas, há sim, falta de divulgação do acervo e também, por vezes, pouco estímulo da própria Prefeitura e do Governo, porque a meu ver, já está mais do que provado que a simples isenção de IPTU, que é um dos benefícios dados a quem tem um patrimônio tombado é muito pouco comparado com o que exige a manutenção de um prédio histórico. Então essa preservação fica na conta do contribuinte. Além de se ter um imóvel com limitações tanto de venda quanto de uso, para manter esse patrimônio, o único benefício é a isenção de IPTU. Se for colocar numa esfera de IPTU de R\$3.000,00 por ano, por exemplo, esse valor não paga a manutenção de um imóvel tombado. As condições de implementação é que precisam ser solidificadas e tem que ter mais benefícios, mais incentivos.

9 - Há quanto tempo você está à frente do Museu da Escola? Este prédio sempre foi da UDESC? Que atividades eram exercidas antes de se transformar em Museu?

Eu estou à frente do museu desde abril de 2012. A história deste prédio é muito longa. Ele foi inaugurado em 1922, é neoclássico com ecletismo e obedece a um planejamento que é comum à



época, várias salas de aulas e um pátio central, tudo se desenrola ao redor desse pátio central. Sempre foi um prédio construído e destinado para a área educacional.

O Museu da UDESC foi fundado em 1993 e instalado efetivamente no antigo prédio da FAED-Faculdade de Educação, em 2008. Como sabido, antes da FAED ocupar o dito prédio, aqui funcionou a Escola Normal Catharinense, fundada em 1892 e instalada no prédio em 1924 e depois foi transformada em Instituto de Educação Dias Velho em 1947. Por ocasião da transferência do Instituto para o novo prédio construído na Av. Mauro Ramos em 1964, o prédio foi ocupado pela FAED até 2007. Já abrigou escola de formação de professores, magistério. Depois, nos anos 60 ele passou para a Universidade do Estado de Santa Catarina e foi aqui que nasceram os cursos da área de humanas que deram origem à Universidade do Estado de Santa Catarina. Então, sempre teve uma história ligada à área de educação.

R. No museu houve uma reforma. De que forma ela começou?

SM. No início do ano de 2013, o Reitor da Universidade foi procurado por um grupo da RBS e um conjunto de arquitetos que elaboram a “Mostra Casa Nova”. Eles queriam realizar essa mostra de arquitetura e decoração em um prédio histórico e como contrapartida pelo uso do espaço por seis meses, eles deixariam diversas benfeitorias. Claro que para o museu foi muito oportuno. Tivemos enorme visibilidade porque o museu estava fechado. Ele ficou por muito tempo sem uso regular, haviam várias salas deterioradas, pois estava em compasso de espera por um projeto de restauração e consequente recuperação do espaço físico. As reformas que aconteceram aqui não são as reformas definitivas, mas elas são uma sobrevivência para uso do espaço com dignidade que ele merece até a restauração completa, que esperamos que venha a acontecer um dia. Assim, o Museu da Escola Catarinense da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), atravessou o ano de 2013 recebendo uma série de melhorias em sua estrutura física para sediar a 12ª edição da Mostra Casa Nova, que aconteceu no mês de outubro de 2013. A ação fez parte de dois projetos do Plano de Gestão 2012-2016 da UDESC. O Projeto Museu Vivo, com o objetivo de concluir o restauro/recuperação do museu e ampliar suas atividades ao público em geral, e o Parceria Público-Privada, que busca recursos para melhoria da infraestrutura da instituição.

A Mostra, organizada pelo Diário Catarinense/Grupo RBS com o tema buscou valorizar a rota



cultural no Centro e contribuir com a preservação do patrimônio histórico, com a colaboração de expositores e empresas parceiras. Uma das melhorias de impacto que ficou para o MESC após a realização da Mostra Casa Nova foi recuperação de toda a fachada da edificação de 1922, que ganhou pintura nova e o projeto luminotécnico executado com tecnologia de vanguarda no Brasil. Como destaque, mencionamos a recuperação das redes elétrica e hidráulica, projetos de prevenção de incêndio e vigilância sanitária, recuperação dos banheiros, dos pisos das salas e de esquadrias de portas, janelas e vidros, a execução e doação do projeto da lojinha do museu e da cafeteria, além de muitas outras melhorias que em curto prazo a universidade não conseguiria realizar. Hoje o Museu já conta com uma lojinha e com um café montados. Sem sombra de dúvidas, um grande destaque se dá no êxito da parceria público-privada. Com esta intervenção, a Udesc não foi a única beneficiada e sim a cidade de Florianópolis. Após o término da exposição, órgãos de preservação histórica, fizeram vistoria no imóvel para determinar o que poderia permanecer e o que deveria ser retirado, pois o prédio é tombado na categoria P1, ou seja, tanto interna como externamente, recebe supervisão externa. Desta forma, muitas coisas foram retiradas, mesmo que os expositores desejassem deixar para o museu, como revestimentos de paredes, para exemplificar. Todavia, a análise muito bem feita permitiu melhorias para além do que inicialmente se planejava.

Ajudar na preservação e fazer melhorias no Museu da Escola Catarinense (MESC), patrimônio histórico no Centro da Capital, foi um dos objetivos da Mostra Casa Nova. Para completar um ciclo de sucessos, o Café do Museu, com projeto de autoria da arquiteta Beatriz Kubelka Fernandes foi agraciado com uma menção honrosa no 2º Prêmio Arquitetura Catarinense, na categoria "Projetos de Restauro e Conservação de Edificações e Sítios Históricos". O concurso, que valorizou critérios de inovação, sustentabilidade e criatividade, teve 14 participantes. O café encerrou suas atividades com o fim da mostra, mas o projeto ficou como legado permanente para o MESC. Após concorrência pública, o café será aberto ao público em fevereiro de 2015, administrado por profissionais da área da alimentação. A intenção é de que tudo que se relacione ao museu tenha "qualidade ímpar", consolidando-o como referência no segmento urbanístico, arquitetônico, artístico e cultural. O MESC não pode ser considerado apenas um órgão complementar da UDESC. Como patrimônio tombado completamente por dentro e por fora, do tipo P1, deve sempre merecer tratamento diferenciado e se destacar por qualificar suas evidências históricas e patrimoniais. O



museu adquiriu vida, as pessoas estão frequentando o espaço, onde ocorrem palestras, seminários, capacitação de diversas ordens, espetáculos de teatro, exposições de artes plásticas. Além deste trabalho, destacamos o acervo de mobiliário, pois estes foram recuperados e as salas históricas, fixas e expositivas do museu estão montadas.

10 - Existe alguma atividade de ação educativa?

O museu ainda não tem museólogo, não tem historiador, não tem guias especializados, não tem estudantes bolsistas fazendo esse papel. O museu está à disposição, às pessoas que querem fazer visitas, como professores com seus alunos, entregamos material informativo e eles podem percorrer os espaços. Nós temos acompanhantes, mas não existe um projeto regular de visita guiada, nem nós fornecemos ainda esse tipo de auxílio profissional. Isso ainda está por vir. As pessoas são bem vindas, mas de modo geral sempre entregamos o material para o professor previamente à visita, ele lê e aqui se informa e inteira melhor, já sabe de antemão o que ele vai mostrar para seus alunos.

R. Reparei que existem algumas salas com arte contemporânea ou são artistas da própria universidade? São grupos externos que alugam salas do museu?

SM. Como temos salas que são espaços expositivos, dois principalmente, as pessoas fazem uma proposta de ocupação de espaço e dependendo da qualidade do trabalho e da proposta do museu, é concedido o espaço. Por exemplo, para o ano de 2015, agenda já está bem preenchida. O que é muito bom porque demonstra que o espaço está se consolidando como um espaço cultural.

11- Qual é o acervo do Museu? Tem obras permanentes?

Há um acervo de mobiliário como carteiras escolares, escrivaninhas, objetos escolares, que já existiam quando assumi o Museu em 2012. De lá para cá foram poucas as novas aquisições de acervo histórico. Pois estávamos mais concentrados em outras prioridades de estrutura o prédio, recuperar móveis e livros, etc... Tivemos que fazer um novo levantamento, um novo inventário, porque muitas peças estavam completamente degradadas, sem condição de uso; tivemos que contratar especialistas para analisar peça por peça. Mas existe o acervo da memória escolar. Aqui não há educação superior, nem história da educação em geral. Nosso novo plano museológico define isso muito bem. É Museu da Escola Catarinense. Então, ele vai tratar da memória da escola.



Não é museu de arte. O acervo que tem aqui é do acervo da memória escolar. Já fomos procurados para saber se aceitaríamos obras de arte ou uma biblioteca pessoal. Podemos aceitar obras para decoração do museu, mas não como obra de arte porque isso não está no plano museológico. E bibliotecas específicas terão que ser bem estudadas, pois não podemos acolher toda e qualquer doação. Terá que estar de acordo com o plano museológico.

12- Este ano o Museu da UDESC promoveu uma feira para agregar Natal e peças feitas por crianças. Como se deu esta atividade?

Na realidade eu cedi o espaço para um grupo em que fizeram objetos e desenhos, pinturas, cartões de natal, bolsas, canetas e eles venderam, sendo que metade do que foi arrecadado cederam para a CERTI. Como era um projeto muito bonito e de um grupo constituído em sua maior parte de ex-alunos do centro de Artes da UDESC eu cedi o espaço e todas as condições para que isso acontecesse. Mas, foi uma iniciativa desse grupo de jovens voluntários bastante altruístas e foi um projeto bem sucedido. Recebemos muitas visitas, as pessoas adquiriram os objetos e o evento teve bastante sucesso.

13 - Gostaria de acrescentar algum tópico que desempenhe um papel importante?

Uma coisa que eu acho bastante importante ressaltar, já que estou aqui num museu que é um espaço cultural é que as pessoas costumam dizer que em Florianópolis não tem o que fazer na área cultural. Eu discordo disso porque se todo dia eu for cumprir uma agenda cultural em Florianópolis, toda noite tem pelo menos dois ou três eventos acontecendo. Talvez a informação não circule bem, mas é muito fácil se informar hoje em dia. Isso também não é desculpa. Então, não dá para aceitar essa conversa de que aqui não acontece nada. Acontecem coisas demais: é abertura de exposição, lançamento de livro, são peças teatrais, shows musicais, palestras, o tempo inteiro. Existe uma cidade efervescente, existe cultura, existem cursos de arte que formam pessoas capacitadas para tanto. Talvez falte um pouco mais esse circuito na mentalidade das pessoas. É muito mais fácil dizer que não acontece, do que ir atrás da informação, dos jornais, da internet. Hoje em dia existem as redes sociais e é só prestar atenção. Eu mesma divulgo eventos nesses meios e no museu também. Talvez, um recado importante seja esse. Existe sim, muita coisa na área cultural em Florianópolis,

uma pena que a gente não consegue prestigiar tudo, mas não há falta de cultura e sim falta de mentalidade voltada para a cultura.

R. Para quem trabalha na área cultural em Florianópolis é fácil se dar a conhecer? Porque não falta presença de grupos de teatro, artes visuais e performance.

SM. Posso dizer que há falta de público, há falta de formadores de opinião, de pessoas que apreciam, justamente porque a formação é falha desde criança. Mas não posso dizer que existe falta de eventos e que faltam pessoas capacitadas para atuar na área cultural. Isso é um dado positivo, temos gente capacitada. Todavia, para quem trabalha na área cultural o cenário é bastante difícil e incerto, pois existe pouca valorização, tanto por parte de políticas educacionais e culturais governamentais como da população em geral, justamente porque existe falta de público. Isso gera um círculo vicioso do qual não consegue sair tão facilmente.



Fachada e dependências do Museu da Escola – dezembro de 2014

O vídeo da entrevista pode ser visualizada nos seguintes links:

Primeira parte: <http://youtu.be/gGKIzBRoKKY>

Segunda parte: <http://youtu.be/oJh0WG9ggWA>

Terceira parte: http://youtu.be/_vsZUbsvezU